# Por que a Arábia Saudita começou uma guerra mundial do preço do petróleo? 09/03/2020

## **Nesta segunda, petróleo abriu em queda de mais de 30%, maior tombo desde a Guerra do Golfo**

**LONDRES | FINANCIAL TIMES**

Os [preços do petróleo caíram em até 30%](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/petroleo-abre-em-queda-de-mais-de-30-maior-tombo-desde-a-guerra-do-golfo.shtml) depois que a Arábia Saudita disparou os tiros iniciais de uma guerra de preços, causando a maior queda diária de preços da commodity desde a guerra do Golfo Pérsico, no começo da década de 1990. A ameaça de Riad de [vender seu petróleo cru com desconto](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/colapso-nas-negociacoes-entre-opep-e-russia-faz-petroleo-despencar.shtml) e elevar a produção do país levou o preço do petróleo cru padrão Brent, a referência internacional do setor, a cair para apenas US$ 31,02 por barril. O petróleo padrão dos Estados Unidos, o West Texas Intermediate, caiu para US$ 27,71 por barril. Mas por que o maior exportador de petróleo do planeta decidiu agir de maneira tão agressiva, em um momento em que a demanda já estava oscilando[por conta da crise do coronavírus](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/entenda-como-o-coronavirus-tem-afetado-o-mercado-financeiro.shtml)? E o que isso significa para o setor do petróleo como um todo?

POR QUE A ARÁBIA SAUDITA ESTÁ LANÇANDO UMA GUERRA DE PREÇOS?

A Arábia Saudita desejava conduzir a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e a Rússia a cortes mais profundos na produção de petróleo, a fim de ajudar a sustentar os preços da commodity diante [do surto do coronavírus](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/entenda-como-o-coronavirus-tem-afetado-o-mercado-financeiro.shtml), que desordenou a atividade econômica mundial. Mas quando a Rússia recusou o plano, o reino do Golfo Pérsico se voltou contra o aliado com o qual vinha colaborando desde 2016 a fim de manter preços mais altos para o petróleo. Riad respondeu com uma alta em sua produção e oferecendo petróleo cru para venda com fortes descontos. Analistas dizem que isso representa uma tentativa de punir a Rússia por abandonar a aliança conhecida como Opep+.

A Arábia Saudita também pode ter desejado cimentar sua posição como maior exportadora mundial de petróleo, acrescentaram os analistas. A decisão demonstrou que Riad estava disposta a desafiar abertamente a Rússia e outros produtores cujos custos são mais altos.

Havia um consenso na Opep quanto ao corte de produção, afirmou uma pessoa informada sobre a política petroleira saudita. A Rússia objetou e anunciou que depois de 1º de abril todos os produtores estariam livres para produzir o quanto quisessem, e assim o reino decidiu exercer esse direito, afirmou essa pessoa. Os analistas questionaram a sabedoria da decisão saudita. A economia do país não está imune a uma queda de preços, mesmo que seus dirigentes acreditem que conseguirão tomar mercado aos produtores rivais. Mas sob a direção do príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, o reino vem desenvolvendo a reputação de tomar decisões arriscadas e imprevisíveis, quando sente a necessidade de se afirmar.

POR QUE A RÚSSIA NÃO CONCORDOU COM O CORTE DE PRODUÇÃO?

A Rússia declarou que desejava ver o [impacto pleno do coronavírus](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/como-manter-a-calma-quando-o-mercado-financeiro-entra-em-panico.shtml) sobre a demanda por petróleo antes de agir. Mas Moscou também estava ansiosa por testar o setor de petróleo de xisto betuminoso dos Estados Unidos. Os russos acreditam que reduzir a produção ajudaria na sobrevivência de um setor cujo crescimento fez dos Estados Unidos o maior produtor mundial de petróleo, e permitiu que o país conquistasse clientes em detrimento da Rússia. As sanções dos Estados Unidos a companhias de energia russas, entre as quais as dirigidas ao braço comercial da estatal petroleira Rosneft, no mês passado, e tentativas de bloquear a construção do gasoduto Nord Stream 2, para a Alemanha, enfureceram o Kremlin.

O setor de petróleo de xisto betuminoso americano vem lutando para sair do vermelho, a despeito de seu crescimento nos 10 últimos anos. Pessoas informadas sobre a estratégia de Moscou disseram que a Rússia calculava que havia uma oportunidade de prejudicar a indústria petroleira dos Estados Unidos. “O volume total de redução na produção de petróleo que resulta da constante prorrogação do acordo Opep+ foi substituído rápida e completamente no mercado mundial por petróleo americano de xisto betuminoso”, disse um porta-voz da Rosneft no domingo.

A abordagem da Arábia Saudita quando a um possível acordo com a Rússia foi uma exigência peremptória de que o aliado participasse de uma redução adicional de 1,5 milhão de barris diários na produção mundial de petróleo, o que conduziria o corte total a 3,6 milhões de barris, ou cerca de 4% da oferta mundial. Isso aparentemente irritou Moscou, que não se vê como um parceiro subordinado.

O QUE ACONTECERÁ COM A INDÚSTRIA DO XISTO BETUMINOSO NOS ESTADOS UNIDOS?

O colapso do preço veio em um momento difícil para o setor americano de xisto betuminoso. Embora sua produção tenha disparado nos 10 anos passados, superando a da Rússia e a da Arábia Saudita, o setor vem queimando dinheiro emprestado, o que aliena os investidores. Isso o deixou vulnerável a uma queda de preços. A imensa queda do preço do petróleo desde o começo do ano colocou em dúvida os planos de expansão restantes. Mas o impacto sobre a produção pode ser pequeno. Muitos dos pequenos produtores independentes que formam a maioria do setor de xisto betuminoso dos Estados Unidos contam com contratos de hedge para proteger sua produção a preços mais altos. É improvável que a oferta caia de imediato.

“Em nossa opinião, a produção de petróleo de xisto betuminoso nos Estados Unidos não cairá rápido o bastante para justificar as opiniões russas sobre a necessidade de restringi-la”, disse Ayham Kamel, diretor de operações da consultoria Eurasia Group para o Oriente Médio e África do Norte.

Mas muitos dos produtores de xisto betuminoso podem enfrentar dificuldades para obter novos financiamentos e fazer a rolagem de suas dívidas existentes. Muitos dos títulos classificados como especulativos emitidos por companhias de energia já estão em posição precária. Para [o presidente Donald Trump](https://arte.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/os-americanos/), o colapso dos preços representa um dilema. Preços mais baixos para o petróleo são parte importante de sua promessa aos eleitores, e ele apela frequentemente à Opep que os reduza. Mas uma queda de preços prolongada poderia representar problemas econômicos para estados produtores de energia como o Texas e Dakota do Norte.

OS PREÇOS VÃO CONTINUAR A CAIR?

A esperança de uma recuperação no preço do petróleo dependia de [o surto mundial do coronavírus ser contido](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/governos-precisam-agir-rapido-para-evitar-crise-longa-com-coronavirus-diz-fmi.shtml)mais rápido do que se antecipava. Os operadores alertaram que a demanda mundial por petróleo em 2020 pode se contrair pela primeira vez desde a crise financeira de mais de uma década atrás. O consumo de petróleo pode ser de 1% a 2% mais baixo este ano do que os analistas previram no começo de 2020, com a demanda sofrendo por conta das restrições a viagens aéreas e rodoviárias. Mas com a possibilidade de que o coronavírus se torne uma pandemia mundial, as perspectivas de curto prazo parecem sombrias, para o petróleo cru.

Muito depende do grau de agressividade da Arábia Saudita em sua elevação de produção. O país tem mais capacidade excedente de produção do que qualquer rival, e por isso poderia elevar a produção rapidamente e acrescentar mais de um milhão de barris ao dia à produção mundial, nos próximos meses. Também pode aumentar suas exportações recorrendo aos seus estoques de petróleo.

A capacidade russa de elevar a produção nacional provavelmente é menor. Preços mais baixos poderiam ameaçar as promessas do presidente Vladimir Putin de investir em longo prazo em coisas como a infraestrutura e gastos sociais. A Arábia Saudita talvez tivesse a esperança de que a enormidade da queda do preço forçasse a Rússia a retornar à mesa de negociações, mas isso parece improvável. “Essa nova abordagem saudita só endurecerá a posição russa”, disse Amrita Sen, analista chefe de petróleo na consultoria Energy Aspects.

Se os preços muito baixos persistirem, outros produtores de petróleo seriam forçados a reduzir seus planos de expansão, ou sua produção poderia cair devido à falta de investimento. Mas isso demoraria muito tempo e já havia previsões de que o crescimento da demanda por petróleo se desaceleraria na segunda metade da década. Apostar em uma recuperação rápida de preços parece prematuro.

O QUE ISSO SIGNIFICA PARA AS GRANDES COMPANHIAS PETROLEIRAS?

Depois do colapso dos preços do petróleo em 2014, empresas como Royal Dutch Shell, BP e ExxonMobil se reposicionaram. Cortaram custos agressivamente, venderam ativos, e enxugaram suas operações a fim de se manterem lucrativas diante de preços mais baixos para o petróleo, e de protegerem seus negócios mesmo em caso de quedas no mercado. Mas embora tenham se tornado mais eficientes, gerando mais caixa quando os preços giravam em torno de US$ 65 por barril, nos últimos dois anos, do que quando a média de preços era de US$ 100, elas enfrentam pressões diferentes agora.

As companhias desejam desesperadamente manter os dividendos e pagamentos a acionistas incomodados com as projeções de que a demanda por petróleo pode chegar a seu pico nos próximos 10 anos. Ao mesmo tempo, precisam reduzir suas dívidas e buscar novas fontes de energia, renováveis, porque temem a transição de longo prazo para além dos combustíveis fósseis. Com o petróleo a menos de US$ 40 por barril, muitos investidores duvidam de que isso seja possível. Os preços das ações dessas empresas provavelmente sofrerão pressão nos próximos dias. “Companhias altamente endividadas serão as mais afetadas pela queda nos preços do petróleo cru”, disse Neil Beveridge, do grupo de pesquisa Bernstein.